



Título: *A anomalia selvagem : poder e potência em Espinosa*

Autor: Antonio Negri

Prefácios de Gilles Deleuze, Pierre Macherey e Alexandre Matheron

Posfácios de Antonio Negri e Marilena Chaui

Tradução de Raquel Ramalhete

Coedição Editora 34/Editora Politeia

416 p.

14 x 21 cm

452 g.

ISBN 978-85-7326-722-8 (Editora 34)

ISBN 978-85-94444-04-2 (Editora Politeia)

R\$ 67,00

Antonio Negri, autor de *Império* e um dos pensadores mais influentes da atualidade, redigiu *A anomalia selvagem* entre 1979 e 1980, durante seu cárcere italiano. Publicado pela primeira vez no Brasil em 1993, o volume é agora relançado em edição revista por Homero Santiago e Mario Marino, incluindo ainda um breve ensaio sobre a obra redigido por Marilena Chaui. Neste importante livro, Negri articula a filosofia de Baruch Espinosa (1632-1677) à história econômica, social, política e intelectual do século XVII, encontrando na “metafísica materialista” espinosana os elementos para pensar “uma fenomenologia da prática revolucionária” constitutiva do futuro.

Redigido entre abril de 1979 e abril de 1980, durante seu período no cárcere italiano, *A anomalia selvagem: poder e potência em Espinosa*, publicado pela primeira vez no Brasil em 1993 e agora relançado em edição revista por Homero Santiago e Mario Marino, é uma prova da força do pensamento de Antonio Negri, um dos mais importantes e influentes filósofos da atualidade.

Tal como Gilles Deleuze, pensador com o qual tem vários pontos de contato — e que, juntamente com Pierre Macherey e Alexandre Matheron, assina um dos prefácios deste livro —, Antonio Negri encontrou na “metafísica materialista” de Baruch Espinosa (1632-1677) os elementos para pensar “uma fenomenologia da prática revolucionária” constitutiva do futuro.

Como observa Marilena Chaui em texto recolhido em posfácio, o filósofo italiano não se curva a nenhuma das leituras anteriores da obra de Espinosa, nem se ocupa de interpretações menores: “De maneira vigorosa, erudita e combativa, Negri articula a filosofia espinosana à história (econômica, social, política e intelectual) do século XVII para mostrar, antes de tudo, que a obra de Espinosa não é o reflexo passivo de sua época, mas uma compreensão de seu tempo que lhe permite pensar o futuro e abrir-se para ele”.

Sobre o autor:

Um dos pensadores mais influentes da atualidade, Antonio Negri nasceu em Pádua, na Itália, em 1933. Em 1958, publica sua tese sobre Hegel, elaborada na École Normale Supérieure de Paris, e nesse mesmo ano passa a dar aulas na Universidade de Pádua, onde em 1967 torna-se professor catedrático de filosofia política. Desde cedo Negri une atividade acadêmica com militância política. Em 1956 inscreve-se no Partido Socialista Italiano e colabora nos periódicos *Progresso Veneto* e *Quaderni Rossi*. Entra em dissenso com o PSI, funda as revistas *Cronache Operaie* e *Classe Operaia* (depois *Potere Operaio*) e nos anos 1970 integra o movimento *Autonomia Operaia*. Negri posiciona-se contra as estruturas burocráticas dos sindicatos e partidos, como o PCI, dando impulso à organização direta dos estudantes e trabalhadores. Em 1978 ministra na École Normale Supérieure o famoso curso que será publicado com o título de *Marx além de Marx*. Nome conhecido das lutas operárias e da esquerda autonomista italiana, Negri é preso em 1979, acusado de “associação subversiva”. No cárcere, escreve *A anomalia selvagem: poder e potência em Espinosa*, lançado em 1981. Mais tarde, durante seu exílio na França, foi professor das Universidades de Paris VII e VIII, lecionando também no Collège International de Philosophie, onde eram docentes Derrida, Foucault e Deleuze. Em 1995 inicia colaboração com o filósofo norte-americano Michael Hardt, e juntos escrevem diversos livros, como *Império* (2000), que trazem notoriedade mundial a Negri, sobretudo pelo seu vínculo com o movimento altermundista.

Texto de orelha:

Se um grande livro sobre Espinosa (que se pense nas obras de Martial Gueroult, Gilles Deleuze, Alexandre Matheron ou Pierre Macherey) é sempre um acontecimento, em razão mesmo do lugar absolutamente singular do “espinosismo” na história da filosofia moderna, *A anomalia selvagem: poder e potência em Espinosa*, de Antonio Negri, o é por várias razões.

Em primeiro lugar, porque ele trata de relacionar a constituição filosófica da anomalia espinosista com a “anomalia holandesa” da segunda metade do século XVII — que constituiu uma espécie de laboratório político, econômico e cultural para a formação de uma Europa nova —, não para tentar uma nova interpretação “marxista” de Espinosa, mas para expor o trabalho da obra ao trabalho da história. Com isso, a ontologia espinosista será captada na perspectiva única da fundação do materialismo moderno (“*potentia*”) enquanto crítica radical da razão política clássica (“*potestas*”). Daí a “centralidade política da metafísica de Espinosa”.

Em consequência — e esta é a segunda razão da importância deste livro — faz-se essa descoberta cujo alcance mal se começa a medir: a verdadeira política dos filósofos clássicos é sua ontologia. Antonio Negri então nos induz a reler os textos fundadores da modernidade, relacionando a ordem das razões com os campos das forças que tramaram sua dedução.

A filosofia moderna, finalmente, é assim percorrida por uma Crise e por uma tensão de onde ela retira sua necessidade, e que redistribuem sua história segundo duas linhagens distintas — pois ao *phylum* clássico do pensamento burguês que, de Hobbes a Rousseau, de Kant a Hegel, elabora o conceito jurídico de soberania, se opõe, com Maquiavel, Espinosa e Marx, o “radicalismo constitucional” de um pensamento que recusa qualquer normatividade transcendente da lei para estabelecer, a partir da *multitudo*, a irredutibilidade da potência ao poder dialético da mediação. Em suma, ao fazer da relação da filosofia com a história uma relação imanente, produtiva e conflituosa, Antonio Negri nos propõe uma *outra história* da metafísica. Ela é escrita do ponto de vista de uma “filosofia-mundo”, ou de uma *Ética*, que se compreende e que age no presente. Moderna de outro modo, por uma “superação” ontológica da dialética.

Excepcional, este livro é precedido por três prefácios, assinados por Gilles Deleuze, Pierre Macherey e Alexandre Matheron, e contém ainda um posfácio do autor, escrito especialmente para a edição brasileira.

Éric Alliez